Pelos fios da memória: a história da FEBRAPSI tal como é lembrada

Silvana Rea
Cintia Buschinelli

Revista Brasileira de Psicanálise
número especial, p. 251-260 · 2017

Resumo

O Projeto Memória foi criado na gestão 2013-2015. Idealizado por Paulo Cesar Lessa e Vera Lucia de Faria Benchimol, tem a finalidade de conservar documentos e outros materiais que retratem a história da FEBRAPSI. Faz parte do projeto entrevistar os presidentes que passaram pela instituição. Elaboramos em texto único as entrevistas de Pedro Gomes (SBPRJ), Carlos Gari Faria (SPPA), Romualdo Romanowski (SPPA), Wilson Amendoeira (SBPRJ), Claudio Rossi (SBPSP), José Fernando de Santana Barros (SPRPE), Gleda Brandão de Araújo (SPMS), Leopold Nosek (SBPSP), Plinio Luiz Kouznetz Montagna (SBPSP) e Aloysio d'Abreu (SBPRJ), concedidas a Paulo Cesar Lessa (SPRJ), Vera Lucia de Faria Benchimol (SPRJ), Rosa Carvalho Reis (SPRJ), Anette Blaya Luz (SPPA), Celso Halperin (SBPDEPA), Wagner Vidille (SBPSP), Silvana Rea (SBPSP) e Ney Couto Marinho (SBPRJ).

Palavras-chave

entrevistas; história; FEBRAPSI.

SILVANA REA é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP e editora da *Revista Brasileira de Psicanálise*.

CINTIA BUSCHINELLI é membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP e editora associada da *Revista Brasileira de Psicanálise*.

No início, a ABP, Associação Brasileira de Psicanálise

A ideia da Associação Brasileira de Psicanálise surgiu durante uma reunião em São Paulo. Como as Sociedades brasileiras eram entidades sem conexão entre si, decidiu-se fundar uma associação com uma política de trabalho que proporcionasse a integração das Sociedades, para fazer crescer as Sociedades e o movimento psicanalítico, visando a difusão da psicanálise. A ABP nasceu em 6 de maio (dia e mês do nascimento de Sigmund Freud) de 1967, no Rio Grande do Sul, com Roberto Pinto Ribeiro e Mário Martins como os primeiros presidentes.

No início, toda a Diretoria era composta por membros da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Um dos motivos para tal escolha é que não havia dinheiro para viajar pelo Brasil para fazer as reuniões – apenas para as assembleias de delegados, que eram feitas na sede da ABP.

A ABP naquele momento era constituída por quatro Sociedades: a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

No final da gestão 1987-1989, passaram a fazer parte da ABP os Grupos Psicanalíticos do Recife e de Pelotas. Nesse momento, em 1989, foi feita a primeira publicação da ABP: um livro para comemorar o cinquentenário da morte de Freud. Trata-se de *A presença de Freud: ensaios em homenagem ao cinquentenário da morte de Freud*.

As eleições na ABP eram regionais. As assembleias gerais de cada Sociedade escolhiam seus candidatos, e a eleição do presidente da ABP era feita por uma indicação do presidente de determinada Sociedade, por meio de um rodízio entre as quatro Sociedades do Rio, São Paulo e Porto Alegre. Os congressos brasileiros também funcionavam no sistema de rodízio, sendo que o presidente da ABP era também o presidente do congresso. A filiação de cada Sociedade e seus membros era automática, e o pagamento para a ABP, obrigatório.

Em 1969, o I Congresso Brasileiro de Psicanálise ocorreu no Rio Grande do Sul, em Caxias do Sul. As nove edições seguintes tiveram lugar no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Em outubro de 1987, realizou-se o XI Congresso Brasileiro de Psicanálise, novamente no Rio Grande do Sul, em Canela, no Hotel Laje de Pedra, que estava sendo reinaugurado. Foi também uma reinauguração da relação entre Rio, São Paulo e Porto Alegre, uma reaproximação em meio a uma grande distância territorial. Pela primeira vez nos congressos, houve convidados estrangeiros, como Horacio Etchegoyen e Harold Blum. Assim, foi uma aproximação geral, porque eles eram de duas escolas psicanalíticas diferentes, eles eram estrangeiros e nós brasileiros, éramos meio estrangeiros entre nós.

Até 1991, manteve-se a eleição dos presidentes por indicação de uma Sociedade. A federada que sediaria a ABP montava sua Diretoria por um período de dois anos.

Depois, a sede mudava para a próxima federada escolhida para dirigir a ABP. Mas, quando a Diretoria ia para uma Sociedade, as outras absolutamente se desinteressavam, não tomavam conhecimento do que acontecia. E também havia o problema de não se ter uma sede; a sede era na casa ou no consultório de quem era o presidente; perdia-se a papelada, perdia-se tudo.

Mudança estatutária: nova fase da ABP

No biênio 1991-1993 foi feita uma mudança estatutária. Vivia-se o momento em que a IPA (Associação Psicanalítica Internacional) tinha o poder de intervir nas Sociedades; cada Sociedade estava envolvida com grandes problemas internos. Essa foi a ocasião para montar um estatuto. A ABP passou a se constituir de: Conselho de Diretor, Conselho de Presidentes e Assembleia de Delegados. E a Diretoria passou a ser eleita livremente, composta por pessoas também livremente escolhidas, de diversas Sociedades.

A gestão 1993-1995, em novos moldes após a reforma do estatuto, mostrou que houve uma integração bem maior entre as federadas. E o congresso foi em Recife, enfatizando o funcionamento da “ABP federativa”.

Na época, a IPA teve o seu primeiro presidente latino-americano e ensaiava mudanças no sentido da democratização. Imediatamente, a ABP ocupou o espaço

para eleger o próximo presidente da IPA. Havia uma chapa ligada à Associação Psicanalítica Argentina (APA) e outra ligada à Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA). A eleição seria efetuada em uma assembleia da IPA, sendo necessário o apoio dos brasileiros. Então, a APA fez um acordo com a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, e a APdeBA fez composição com a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Uma participação fundamental da ABP.

Depois da reforma de estatuto, a ABP realmente passou a funcionar como representante de um grupo. Naquela época, a psicanálise brasileira estava longe de ter o prestígio político que tem agora, não tinha força fora do Brasil. Uma situação que exemplifica isso é a criação de encontros regionais na IPA. A organização na América Latina criou o 1 Encontro Regional Latino-Americano, da parte sul, formada por Argentina, Chile e Rio Grande do Sul – como se o Rio Grande do Sul não fosse do Brasil. Esse foi um dos embates da ABP com a IPA. Isso foi possível porque o projeto de reformulação que se iniciou em 1991 discutiu uma reforma no sentido de criar um organismo centralizado, unitário, que realmente fosse uma federação, e não um rodízio em que cada vez um era “dono da brincadeira”. Chegou-se a um consenso em alguns pontos: para ter uma verdadeira federação, os fortes não poderiam ter hegemonia. Daí pensar num estatuto em que as pequenas Sociedades e os Grupos de Estudos também pudessem ocupar a direção.

Portanto, o primeiro acordo foi que, para ser uma federação, todos precisavam ter

direitos iguais. Pela sua própria grandeza, as Sociedades maiores teriam o seu perfil assegurado. Era, então, uma questão de as Sociedades grandes abrirem mão do seu poder a fim de constituir uma federação.

O segundo acordo da gestão 1993-1995 foi relativo à *Revista Brasileira de Psicanálise*. Criada por um grupo de analistas de São Paulo, a revista foi doada à ABP pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Foi acordado entre a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro e a de São Paulo que se estabelecería uma sede permanente para a ABP no Rio de Janeiro e uma sede da revista em São Paulo. A Sociedade de São Paulo disponibilizou uma soma em dinheiro, que juntamente com uma verba de auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) permitiu a compra da sede em São Paulo. Em seguida, foi comprada a sede da ABP, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, e decidido que o diretor da sede da ABP (hoje denominado *superintendente*) seria sempre alguém do Rio, assim como o editor da revista seria sempre de São Paulo.

Abertura pelo Brasil

Para a gestão 1993-1995 foi eleito um presidente que não era de uma Sociedade: era do Grupo Psicanalítico de Ribeirão Preto. Esse fato representou uma grande abertura, pois pela primeira vez as reuniões ocorriam fora do eixo Rio-São Paulo, realizando-se em Uberlândia. Também foi a primeira vez em que houve uma eleição, em que cada

Sociedade fazia uma assembleia e apresentava-se uma chapa que era votada. Depois, os delegados das Sociedades compareciam à assembleia geral da ABP para referendar a votação.

No biênio 1995-1997, iniciou-se o procedimento de gestão itinerante, e as reuniões passaram a ser em diferentes lugares do Brasil. Percebeu-se que era importante que a Diretoria se mostrasse, que estivesse nos lugares enquanto grupo, que fosse reconhecida como tal. Isso coincidiu com o momento em que Otto Kernberg, como presidente da IPA, começava a criar comissões para diferentes trabalhos. A ABP, então, criou comissões de diversas naturezas: Cultural, de Infância e Adolescência, de Divulgação – a qual organizou um novo formato para *ABP Notícias*. Foi feita ainda uma parceria para os congressos com a Associação Brasileira de Psiquiatria.

Projeto Articulação

No biênio 1999-2001, cria-se o Projeto Articulação, que diz respeito à regulamentação da profissão de psicanalista. Com o objetivo de ser um movimento de articulação de entidades psicanalíticas, ele tem a importância de trazer os psicanalistas de fora da IPA para discussão conjunta.

Essa organização teve como disparador um projeto de lei para regulamentar a profissão, que tramitava no Congresso. Visando impedir a aprovação, a ABP e

outras entidades de psicanalistas entraram em campo.

Na época, porém, havia certa Sociedade Psicanalítica Ortodoxa Brasileira, que era ligada a uma entidade religiosa de pastores evangélicos e que oferecia formação psicanalítica em um fim de semana. Então, após chamar um advogado em Goiânia, a ABP escreveu uma carta de princípios éticos: a Carta de Goiânia. Até hoje corre um processo na justiça contra os diretores da gestão, que são proibidos de se manifestar publicamente na imprensa sobre os evangélicos.

Portanto, a questão era delicada. Para a organização do Projeto Articulação, fez-se contato com entidades psicanalíticas da IPA e fora dela. Foram 17 instituições, com a presença do Conselho Federal de Medicina, do Conselho Federal de Psicologia e da Associação Brasileira de Psiquiatria, os maiores órgãos existentes e que tangenciavam a questão. Eles não tinham o que dizer sobre psicanálise em si, mas foram às reuniões e deram apoio. Foi elaborado um manifesto em 2001, assinado por 65 instituições.

Constituiu-se um parlamento com todas essas instituições, no modelo do Parlamento do Mercosul. Cada instituição tem direito a um delegado e, a partir deste, podem ser indicados outros, de acordo com o tamanho da instituição. Todos têm representação, e o número passa a ser proporcional à população de cada país ou à produção econômica, algo que permita o equilíbrio do número de pessoas que participam. Esse

parlamento teria uma única função: dizer se uma instituição é psicanalítica ou não. Mas a discussão sobre a regulamentação continua.

Da ABP à FEBRAPSI, Federação Brasileira de Psicanálise

A mudança de nome de ABP para FEBRAPSI foi votada na gestão 2005-2007. Havia muita dúvida a esse respeito, pois em parte se achava que o nome ABP já era uma marca, em parte se achava bom enfatizar a ideia de uma federação de Sociedades. Era importante deixar claro para o público quem era o nosso grupo, em vista do surgimento de associações psicanalíticas evangélicas. Do ponto de vista interno, era importante salientar o aspecto de conjunto de entidades. Diferentemente da IPA, que é uma associação de membros, a FEBRAPSI é uma federação de Sociedades. O terceiro motivo é que, embora tenha sido fundada depois, a Associação Brasileira de Psiquiatria tinha a mesma sigla, ABP.

A Associação Brasileira de Psicanálise, portanto, ganhou um novo nome, que atende mais ao objetivo de ser uma federação que congrega todas as Sociedades brasileiras ligadas à IPA. De certo modo, ela já funcionava implicitamente como federação, mas foi importante oficializar para adequar as normas da nossa legislação. Sua função permanece a mesma, ou seja, congrega as Sociedades em prol da difusão da psicanálise no Brasil, organizar os Congressos Brasileiros de Psicanálise e as jornadas nas federadas e Núcleos. Mas sua função

fundamental é a de acompanhar atentamente as mudanças das instituições psicanalíticas, assim como o desenvolvimento das teorias, para ajudar as federadas a se posicionarem no novo contexto.

Como FEBRAPSI, reativou-se o Conselho de Presidentes e criou-se a reunião dos presidentes brasileiros, no local da reunião do Conselho de Presidentes da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL), com o objetivo de discutir as pautas e de estarmos mais coesos nas deliberações. Houve ainda a criação de uma reunião anual de diretores de Institutos, para um melhor conhecimento do funcionamento destes.

De fato, com a mudança de nome perdeu-se a marca. Mas a novidade tornou-se a chance de se fazer divulgação, com o objetivo de mostrar o elevado número e o teor das atividades, assim como os nossos interlocutores de outras instituições, como as de psiquiatria. Se levamos em conta todas as federadas, o total de atividades científicas, eventos, encontros e publicações é espantoso. Portanto, trata-se de destacar nossa posição no meio psicanalítico como a única entidade ligada à IPA.

Congresso dos Países de Língua Portuguesa

No biênio 2005-2007, realizou-se o II Congresso Luso-Brasileiro de Psicanálise em Salvador e o I Encontro de Psicanálise dos Países de Língua Portuguesa, que serviu de embrião para o I Congresso dos Países de Língua Portuguesa, realizado em Lisboa, em maio de 2016.

Psicanálise, Comunidade e Cultura

A partir do biênio 2009-2011, houve uma preocupação com o que diz respeito à sustentabilidade e à responsabilidade social das instituições psicanalíticas. Essa abordagem busca aproximar as instituições psicanalíticas da sociedade em geral. O desafio era fazer com que a FEBRAPSI atuasse como o maestro de uma orquestra, na qual cada Sociedade tocasse um instrumento, um tipo de atividade. A FEBRAPSI propiciaria a divisão e a troca de experiências – algo muito importante, sobretudo porque vivemos em um país pleno de desigualdades sociais, o que culmina em violência.

No final da gestão 2013-2015, a Assembleia de Delegados votou pela extinção da Diretoria de Relações Exteriores e pela criação, em seu lugar, de uma nova diretoria, a de Comunidade e Cultura, que resgata a implicação da psicanálise na cultura. Essa diretoria se constituiu na gestão atual, 2015-2017, que passou a coordenar e articular a nossa atuação na comunidade e na cultura em geral. Ela tem como tarefa promover encontros periódicos das federadas para a troca de experiências e para a geração de novos projetos que beneficiem diversos setores da sociedade e a própria psicanálise. Em pareceria com a FEPAL, a Diretoria de Comunidade e Cultura participou da pesquisa Psicanálise a Céu Aberto e realizou, em Brasília, a jornada Morte e Vida: Novas Configurações na Cultura e na Comunidade.

Relações com a IPA

Era grande o peso quando, nas reuniões internacionais, a ABP levava uma proposta unitária votada na reunião dos presidentes. Como no caso da análise condensada, prática bastante usual no Brasil. São Paulo tinha algumas publicações a respeito desse assunto, sem um reconhecimento da IPA. A ABP, então, encaminhou a questão a Otto Kernberg, que convidou a ABP para defender sua ideia na reunião do *board*, em Londres. Ela foi aprovada por unanimidade, e pôde-se perceber que também se fazia análise condensada em vários países.

O peso da ABP aumentou quando se transformou em federação. O grupo brasileiro passou a ter uma posição de grande importância na IPA e na FEPAL. Quando houve a eleição do próximo presidente latino-americano na IPA, a ABP unitariamente apoiou um candidato, o que foi essencial para a sua eleição. Então a ABP realmente começou a intervir no plano político, e o Brasil começou a ter uma presença muito mais significativa no plano internacional.

Como a IPA é uma organização de membros, ela não reconhece as Sociedades institucionalmente, estatutariamente e legalmente. Não reconhece oficialmente, mas há certo reconhecimento, na medida em que a FEBRAPSÍ congrega todos os brasileiros, o que perfaz metade da FEPAL, e é convidada oficial em todas as reuniões de delegados da FEPAL. Ela não tem repre-

sentação estatutária (é uma representação extraoficial), mas tem grande prestígio.

Relação com a FEPAL

A FEPAL usou o modelo de organização da FEBRAPSÍ de distribuição por Sociedades, em que todos têm direito a voto, não importando se a Sociedade é grande ou pequena. E a representatividade com Conselho de Presidentes e Assembleia de Delegados.

A partir do estatuto da FEBRAPSÍ, eles criaram um grupo-piloto de presidentes que chamava APOPAL: Assembleia dos Presidentes das Organizações Psicanalíticas Latino-Americanas – presidentes que já se reuniam, como se fosse uma reunião dos presidentes, mas para discutir as questões de um modelo futuro da FEPAL.

A primeira reunião da FEPAL foi em Caracas e a segunda em Mendoza, na gestão 1995-1997. Apesar de a ABP não ter sido convidada, decidiu-se ir, porque os assuntos que iam ser tratados eram muito importantes para a FEPAL, e para o Brasil também. Isso se mostrou positivo, porque naquele momento não existia uma liderança única, que reunisse todo mundo. Quando os brasileiros chegaram lá, reuniram-se em torno da ABP, e isso foi importante para firmar a liderança da ABP, que hoje em dia é incontestável.

A FEBRAPSÍ participou da revisão dos regulamentos e das comissões na FEPAL e conseguiu que o português fosse incluído como língua oficial e pudesse ser usado nos congressos. A FEBRAPSÍ teve importância organizadora das Sociedades. Conseguimos levar um discurso que resultou

de uma discussão entre nossas federadas. Funcionou como federação, como órgão articulador, e não como uma associação.

Afinal, qual é a importância da FEBRAPSI?

A importância da FEBRAPSI está na divulgação da psicanálise. Se olharmos do ponto de vista histórico, notamos que, no início, o seu objetivo era firmar raízes. Foi essencial fazer isso primeiro, para só depois pensar em divulgação.

No começo havia uma rigidez: não se aceitavam pacientes para tratamento se este não fosse em quatro sessões semanais. Confundia-se neutralidade com frieza. Havia certo medo por falta de firmeza mesmo. Não havia muito respaldo. Era muito novo. Antes, as Sociedades eram estanques: se tinha Melanie Klein, não se podia gostar de Bion; Winnicott não era considerado um analista – ele apenas brincava com crianças. Está surgindo agora uma vertente de pensamento mais pluralista.

A FEBRAPSI tem um papel muito importante na integração entre as diferentes Sociedades. Ela tem essa função mediadora, agregadora e articuladora que é fundamental. As reuniões são feitas em Belém, em Manaus. Devemos levar em conta a diversidade do Brasil, e há um aspecto enriquecedor para os analistas brasileiros: ao trocar ideias, conhecem situações que são particulares aos diferentes estados.

Não podemos esquecer que o modo de a FEBRAPSI funcionar, com a sua Diretoria formada por pessoas de todo o Brasil,

movimenta as federadas. Com a realização das reuniões em uma região brasileira a cada vez, há eventos com psicanalistas de várias regiões do Brasil. Acaba-se convivendo com todas as Sociedades, e isso facilita o intercâmbio científico. E ainda ajuda no narcisismo das pequenas diferenças entre federados.

Planejando eventos com as Sociedades e organizando o Congresso Brasileiro de Psicanálise, a FEBRAPSI cria seu público, gerando um intercâmbio interessante entre as pessoas do local com as de fora. Sua organização como federação traz a possibilidade de levar congressos para fora do eixo Rio, São Paulo, Porto Alegre – uma expansão fundamental. Já tivemos congressos em Ribeirão Preto, em Campo Grande, teremos em Fortaleza em 2017, e no ano de 2019 provavelmente em Belo Horizonte.

Abrindo os caminhos, facilitando a comunicação, a FEBRAPSI ajuda a criar o Brasil como uma unidade. Uma experiência única. Na América Latina, nenhum país conseguiu esse feito. Conseguimos a integração de um país continental.

Perspectivas de futuro: e os próximos cinquenta anos?

Para os próximos cinquenta anos, é preciso pensar na questão da expansão. A FEBRAPSI tem condições de ser o movimento psicanalítico brasileiro e ter como objetivo político fortalecer principalmente as Sociedades pequenas, bem como incentivar o

surgimento de Núcleos e Grupos de Estudos nas regiões onde eles ainda não existem, ou ainda estão no início e são frágeis. Na atual gestão da FEBRAPSÍ, 2015-2017, formou-se uma comissão de acompanhamento para Núcleos emergentes, um instrumento que permite a pequenos grupos receber apoio para avaliar o momento de se constituir como Núcleos junto às Sociedades-mães. Outra comissão está sendo criada para a avaliação de novos instrumentos para a formação de pequenos grupos distantes geograficamente das Sociedades-mães. Mais crescimento, mais Núcleos, mais mulheres nas presidências, mais psicanálise brasileira na América Latina.

Como integrar instituição e psicanálise

A instituição é necessária para a organização. No entanto, as instituições têm uma tendência reacionária de preservação. Ou seja, para se preservar alguma coisa, adota-se o lugar da tradição. As instituições, apesar disso, precisam de subversão. Certas organizações são uma subversão que depois vira tradição. É preciso ter sempre novas subversões! A psicanálise progride nas margens das instituições, não no centro, e em conflito com a instituição. É talvez seja importante que ela exista como anteparo, como propiciador do conflito. Ela vai tentar diminuir o conflito, mas, por sua própria existência, porá na linha de frente a renovação. É inevitável, porque existe um conflito permanente

entre a instituição e a psicanálise. Sempre existirá essa dialética entre a instituição e a prática da psicanálise.

Os presidentes e suas gestões

- Mário Martins e Roberto Pinto Ribeiro (SPPA) 1967-1969
- Durval Marcondes (SBPSP) 1969-1971
- Luiz Guimarães Dahlheim (SPRJ) 1971-1973
- João Cortes de Barros (SBPRJ) 1973-1975
- Mário Martins (SPPA) 1975-1977
- Laertes Moura Ferrão (SBPSP) 1977-1979
- Leão Cabernite (SPRJ) 1979-1981
- Rosa Beatriz Pontes de Miranda (SBPRJ) 1981-1983
- Darcy de Mendonça Uchoa (SBPSP) 1983-1985
- Galina Schneider (SPRJ) 1985-1987
- Romualdo Romanowski (SPPA) 1987-1989
- Paulo Roberto Sauberman (SBPRJ) 1989-1991
- Leopold Nosek (SBPSP) 1991-1993
- Luiz Emmanuel de Almeida Levy (SBPRP) 1993-1995
- David Azoubel Neto (SBPRP) 1995-1997
- Plínio Luiz Kouznetz Montagna (SBPSP) 1997-1999
- Wilson Amendoeira (SBPRJ) 1999-2001
- José Fernando de Santana Barros (SPRPE) 2001-2003
- Carlos Gari Faria (SPPA) 2003-2005
- Pedro Gomes (SBPRJ) 2005-2007
- Claudio Rossi (SBPSP) 2007-2009
- Leonardo Adalberto Francischelli (SBPdePA) 2009-2011
- Gleda Brandão de Araújo (SPMS) 2011-2013
- Aloysio Augusto d'Abreu (SBPRJ) 2013-2015
- Daniel Delouya (SPBSP) 2015-2017

Por los caminos de la memoria: la historia de FEBRAPSI tal y como es recordada

El Proyecto Memoria fue creado durante la administración 2013-2015. Idealizado por Paulo Cesar Lessa y Vera Lucia de Faria Benchimol, tiene como objetivo conservar documentos y otros materiales que retraten la historia de FEBRAPSI. Forma parte del proyecto entrevistar a los presidentes que pasaron por la institución. Elaboramos un texto único con las entrevistas de Pedro Gomes (SBPRJ), Carlos Gari Faria (SPPA), Romualdo Romanowski (SPPA), Wilson Amendoeira (SBPRJ), Claudio Rossi (SBPSP), José Fernando de Santana Barros (SPRPE), Gleda Brandão de Araújo (SPMS), Leopold Nosek (SBPSP), Plinio Luiz Kouznetz Montagna (SBPSP) y Aloysio d'Abreu (SBPRJ), concedidas a Paulo Cesar Lessa (SPRJ), Vera Lucia de Faria Benchimol (SPRJ), Rosa Carvalho Reis (SPRJ), Anette Blaya Luz (SPPA), Celso Halperin (SBPdePA), Wagner Vidille (SBPSP), Silvana Rea (SBPSP) y Ney Couto Marinho (SBPRJ).

PALABRAS CLAVE: entrevistas; historia; FEBRAPSI.

Silvana Rea
Av. São Gabriel, 149/1104
01435-001 São Paulo, SP
Tel.: (11) 2872-6214
silvanamrea@gmail.com

Through the wires of memory: the history of FEBRAPSI as it is remembered

The Memory Project was created during the 2013-2015 administration. This project was idealized by Paulo Cesar Lessa and Vera Lucia de Faria Benchimol, and its purpose is to keep documents and other materials that represent the history of FEBRAPSI. As part of the mentioned project, presidents of the institution were interviewed. As such, Pedro Gomes (SBPRJ), Carlos Gari Faria (SPPA), Romualdo Romanowski (SPPA), Wilson Amendoeira (SBPRJ), Claudio Rossi (SBPSP), José Fernando de Santana Barros (SPRPE), Gleda Brandão de Araújo (SPMS), Leopold Nosek (SBPSP), Plinio Luiz Kouznetz Montagna (SBPSP), and Aloysio d'Abreu (SBPRJ) were interviewed by Paulo Cesar Lessa (SPRJ), Vera Lucia de Faria Benchimol (SPRJ), Rosa Carvalho Reis (SPRJ), Anette Blaya Luz (SPPA), Celso Halperin (SBPdePA), Wagner Vidille (SBPSP), Silvana Rea (SBPSP), and Ney Couto Marinho (SBPRJ). This single written article reproduces all these interviews.

KEYWORDS: interviews; history; FEBRAPSI.

Cintia Buschinelli
R. Alcides Pertiga, 82
05413-000 São Paulo, SP
Tel.: (11) 3064-4545
cintiab@uol.com.br